



SCIENTIA
Instituto



PESQUISAS E REFLEXÕES NACIONAIS EM CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E LINGUÍSTICAS

DOI 10.55232/237923 ISBN: 978-65-997239-1-9

Organizador - Daniel L. S. Braga

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pesquisas e reflexões nacionais em ciências humanas, sociais e linguísticas [livro eletrônico] / organizador Daniel L. S. Braga.
-- Florianópolis, SC : Instituto Scientia, 2022.
PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-997239-1-9

1. Artigos científicos - Coletâneas 2. Ciências humanas 3. Ciências sociais 4. Inovações
5. Linguística 6. Multidisciplinaridade I. Braga, Daniel L. S.

Copyright 2022 © Instituto Scientia

(CNPJ 43957433000142)

Todo conteúdo exposto nos capítulos é de responsabilidade dos próprios autores

Editor Chefe

Daniel L. S. Braga

Corpo Editorial

George Luiz Néris Caetano
Edson Da Silva De Oliveira
Maria Daniela Vieira Da Silva
Leonardo Souza De Oliveira
Maria Aparecida Das Dores
Patrícia Prudente Costa
Isabela Monteiro Naves
Rodrigo Gomes Xavier
Ana Luiza Machado de Santos
Ana Julia Pompeo
Maria Aparecida de Santos Souza
Caique Silvério Antonio Afonso
Felipe Gomides Ferreira
Layara Antonia da Costa
Isabela Maria Faria de Lima
Fernanda Lima de Souza Antunes
João Vitor Ataídes de Souza
Isabela Moura Neves
Guilherme Falcão Costa
Milena Lôbo Xavier
Rafaela Costa Alves
Ana Luiza Coelho Diniz

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial do Instituto Scientia. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Corpo Editorial deste Evento, tendo sido aprovados para a publicação.

www.institutoscientia.com
contato@institutoscientia.com

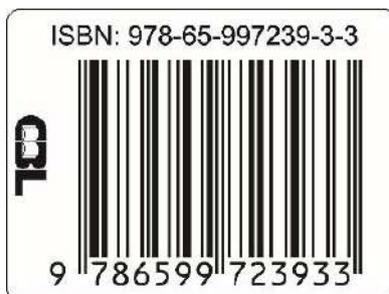
APRESENTAÇÃO

O presente livro trata-se de uma coletânea dos artigos científicos submetidos e aprovados no Congresso Nacional Multidisciplinar em Ciência (COMCIÊNCIA) na área científica das Ciências Humanas, Ciências Sociais e Linguísticas.

O Congresso Nacional Multidisciplinar em Ciência (COMCIÊNCIA) foi um evento científico para acadêmicos e profissionais realizado de forma online nos dias 13, 14 e 15 de janeiro de 2022, com o intuito de promover a produção e divulgação científica das mais diversas áreas acadêmicas para todo o país. O evento contou com mais de 800 submissões de trabalhos nas categorias Resumo Simples e Resumos Expandidos e Capítulos de Livro, incluindo artigos de todas as grandes áreas Científicas (Ciências da Saúde, Ciências Biológicas, Ciências Agrárias, Ciências Exatas e da Terra, Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Engenharias e Linguagens, Letras e Artes) que foram apresentados em exposição durante os três dias do evento, em concomitância com as palestras ministradas, para as quais tivemos mais de 5000 inscrições. Agradecemos imensamente a participação de todos aqueles que acreditam na produção científica e embarcaram nessa jornada conosco!

DOI: 10.55232/237923

ISBN 978-65-997239-1-9



www.institutoscientia.com
contato@institutoscientia.com

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 - ENSINO DE GERÊNCIA DE PROJETOS DE SOFTWARE UTILIZANDO A METODOLOGIA ATIVA DE APRENDIZAGEM DA SALA DE AULA INVERTIDA - PÁGINA 10

CAPÍTULO 2 - POLÍTICA DE EGRESSOS E AVALIAÇÃO DA FORMAÇÃO EM UM CURSO DE PEDAGOGIA - PÁGINA 19

CAPÍTULO 3 - A ECONOMIA COMPARTILHADA E O DIREITO DO TRABALHO: CONSIDERAÇÕES RELACIONADAS À UBERIZAÇÃO - PÁGINA 19

CAPÍTULO 4 - EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA E PRÁTICA DOCENTE: DIFICULDADES E DESAFIOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM - PÁGINA 38

CAPÍTULO 5 - CONCEPÇÕES DE INCLUSÃO NA VISÃO DE ESTUDANTES DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA DO PARANÁ - PÁGINA 51

CAPÍTULO 6 - EDUCAÇÃO EM SAÚDE E AS ABORDAGENS DE ENSINAGEM NO CURSO DE ENFERMAGEM - PÁGINA 72

CAPÍTULO 7 - PRÁTICAS DE LETRAMENTO E AÇÃO DOCENTE: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA ESFERA DIGITAL DURANTE O ENSINO REMOTO - PÁGINA 84

CAPÍTULO 8 - AS VANTAGENS DE SER INVISÍVEL: ANÁLISE FÍLMICA REFERENCIADA NA GESTALT-TERAPIA - PÁGINA 95

CAPÍTULO 9 - ANÁLISE FÍLMICA DE “ESCRITORES DA LIBERDADE” SOB O ENFOQUE COMPORTAMENTAL - PÁGINA 102

CAPÍTULO 10 - PSICOPEDAGOGIA E APRENDIZAGEM HUMANA INFOINCLUIR É NECESSARIO - PÁGINA 110

CAPÍTULO 11 - DESENVOLVIMENTO COGNITIVO NA ADULTEZ TARDIA - PÁGINA 121

CAPÍTULO 12 - TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO COM HIPERATIVIDADE (TDAH) NA INFÂNCIA - PÁGINA 131

CAPÍTULO 13 - A GESTÃO DE CONFLITOS NA ÁREA EDUCACIONAL: UM ESTUDO A PARTIR DE UMA ABORDAGEM EMPIRICA - PÁGINA 138

CAPÍTULO 14 - ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: COMO TORNAR O PLANO EDUCACIONAL INDIVIDUALIZADO (PEI) COMO UMA FERRAMENTA INDISPENSÁVEL À PRÁTICA PEDAGÓGICA - PÁGINA 160

CAPÍTULO 15 - PROPOSTA DE UM MODELO TEÓRICO A PARTIR DA CONTABILIDADE GERENCIAL E GESTÃO DE RISCOS PARA OS TEMPOS DE CRISES - PÁGINA 172

CAPÍTULO 16 - O QUE TEMOS INVESTIGADO SOBRE AVALIAÇÃO NO ENSINO DE CIÊNCIAS? UMA ANÁLISE DAS PESQUISAS NAS ATAS DO ENPEC - PÁGINA 195

CAPÍTULO 17 - UMA PERSPECTIVA DOS PAIS A RESPEITO DO ENSINO REMOTO EM PRESIDENTE KENNEDY: UM ESTUDO DE CASO NO ENSINO FUNDAMENTAL - PÁGINA 209

CAPÍTULO 18 - ACIDENTES DE TRÂNSITO, MORTE E LUTO APONTAMENTOS DE ATITUDE FRENTE A MORTE - PÁGINA 237

CAPÍTULO 19 - 60 ANOS DE “A ESTRUTURA DAS REVOLUÇÕES CIENTÍFICAS” DE THOMAS KUHN - PÁGINA 246

CAPÍTULO 20 - A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL E SUA CONTEXTUALIZAÇÃO ENTRE AS CIÊNCIAS DA NATUREZA E HUMANA - PÁGINA 258

CAPÍTULO 21 - O PROBLEMA DA CONSCIÊNCIA: UMA DISCUSSÃO ENTRE SEARLE E NAGEL - PÁGINA 265

CAPÍTULO 22 - A PRECARIÉDADE E SEUS SENTIDOS NA OBRA VIDA PRECÁRIA DE JUDITH BUTLER - PÁGINA 278

CAPÍTULO 23 - PRÁTICAS DE ATENÇÃO NO CUIDADO COM IDOSOS ADICTOS: UM OLHAR AMPLO E HUMANIZADO NAS POLÍTICAS PÚBLICAS - PÁGINA 299

CAPÍTULO 24 - NA PRESENÇA DA DIDÁTICA, DANÇA!: RELATO DE EXPERIMENTAÇÕES ARTÍSTICAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS - PÁGINA 306

CAPÍTULO 25 - TEORIA CRÍTICA DA INQUISIÇÃO EM TOMÁS DE AQUINO - PÁGINA 316

CAPÍTULO 26 - NECROPOLÍTICA, EPSTEMICÍDIO & BIOPODER: AGENTES PARA A DESCONSTRUÇÃO DO HOMEM NO CONTEXTO HISTÓRICO DA AFRODESCENDÊNCIA - PÁGINA 331

CAPÍTULO 27 - ANÁLISE E MAPEAMENTO DE PROCESSOS NO SETOR DE EXPEDIÇÃO DE UMA OPERADORA DE PLANO DE SAÚDE - PÁGINA 346

CAPÍTULO 28 - ENSINO DE MATEMÁTICA FINANCEIRA VIA RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS: UMA PROPOSTA PARA A SALA DE AULA - PÁGINA 390

CAPÍTULO 29 - DISCURSOS MIDIÁTICOS E OS ESTEREÓTIPOS DA VELHICE - PÁGINA 403

CAPÍTULO 30 - MOTIVAÇÃO COMO CHAVE PARA GESTÃO DO COMPORTAMENTO ORGANIZACIONAL - PÁGINA 425

CAPÍTULO 31 - A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E SUAS PROPOSTAS PEDAGÓGICAS: PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE A SUA PRÁTICA EDUCATIVA NA REDE DE ENSINO DE JOÃO PESSOA - PÁGINA 447

CAPÍTULO 32 - PLANEJAMENTO COM BALANCED SCORECARD E A RELAÇÃO COM A GESTÃO DO CONHECIMENTO NA EMPRESA REAL INTELIGÊNCIA EM NEGÓCIOS - PÁGINA 473

CAPÍTULO 33 - ANÁLISE DO CONTO "A BRUXA DO ARMÁRIO DE LIMPEZA" DE PIERRE GRIPARI SOB A PERSPECTIVA DA HISTÓRIA DAS MULHERES - PÁGINA 493

CAPÍTULO 34 - EDUCAÇÃO INCLUSIVA: A RESPONSABILIZAÇÃO DOS DIRETORES EDUCACIONAIS - PÁGINA 512

CAPÍTULO 35 - ESTADO DO CONHECIMENTO ACERCA DO SISTEMA DE AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: INDICADORES DE QUALIDADE - PÁGINA 522

CAPÍTULO 36 - A COORDENADORIA DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL E AS COMPETÊNCIAS DIGITAIS NECESSÁRIAS À FORMAÇÃO DOCENTE DO SÉCULO XXI - PÁGINA 544

CAPÍTULO 37 - AGRAVOS COGNITIVOS NO PERÍODO PÓS-PANDEMIA - PÁGINA 555

CAPÍTULO 38 - JUNG, FILOSOFIA E RELIGIÃO: UMA ANÁLISE INTERPRETATIVA ACERCA DA PRESENÇA DE UMA FILOSOFIA DA RELIGIÃO NA PSICOLOGIA JUNGUIANA - PÁGINA 564

CAPÍTULO 39 - PRODUÇÃO DE VIDEOAULAS COMO FERRAMENTA DE CONTEÚDO DIGITAL - PÁGINA 583

CAPÍTULO 40 - REALIDADE VIRTUAL E AUMENTADA NO ENSINO DE BIOLOGIA: UM ESTUDO DE CASO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL - PÁGINA 603

CAPÍTULO 41 - A SUSTENTABILIDADE NA AGENDA 2030 DA ONU COMO QUESTÃO DE SOBREVIVÊNCIA DA HUMANIDADE FOME ZERO NA PERSPECTIVA DO ODS 02 - PÁGINA 626

CAPÍTULO 42 - DESENHO, IMPLEMENTAÇÃO, SIMULAÇÃO E AVALIAÇÃO DO PLANO ORÇAMENTÁRIO E O IMPACTO DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS: UM ESTUDO DE CASO NAS CONCESSIONÁRIAS DE AUTOMÓVEIS - PÁGINA 652

CAPÍTULO 43 - JUSTIÇA RESTAURATIVA E VITIMOLOGIA DA AÇÃO COMO MECANISMOS DE CONTENÇÃO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA A MULHER - PÁGINA 671

CAPÍTULO 44 - AUTISMO: SUJEITO DO BULLIYNG - PÁGINA 684

CAPÍTULO 45 - A UTILIZAÇÃO DE METODOLOGIA ATIVA EM SALA DE AULA: UM ESTUDO DE CASO UTILIZANDO JOGOS EMPRESARIAIS - PÁGINA 696

CAPÍTULO 46 - RELAÇÕES ENTRE VIZINHANÇA E PRÁTICAS INTRAESCOLARES: UM ESTUDO DE CASO SOBRE EXPECTATIVAS INSTITUCIONAIS. - PÁGINA 701

CAPÍTULO 47 - O ESTUDO HERMENÊUTICO: DA ANÁLISE INTERPRETATIVA DA DESIGUALDADE E A CONCEPÇÃO DA DESILUSÃO. - PÁGINA 722

CAPÍTULO 48 - LABORATÓRIO VERDE DA PAISAGEM/UNESCO - PÁGINA 735

CAPÍTULO 49 - A SUSTENTABILIDADE NA AGENDA 2030 DA ONU COMO QUESTÃO DE SOBREVIVÊNCIA DA HUMANIDADE – ESTUDO DA FOME ZERO NA PERSPECTIVA DO ODS 02 (OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL) - PÁGINA 751

CAPÍTULO 50 - PRO(G)NATURA: A PARTICIPAÇÃO DE PROJETOS DA COMUNIDADE NA ESCOLA PARA O DESENVOLVIMENTO DAS COMPETÊNCIAS DOS ALUNOS - PÁGINA 780

CAPÍTULO 51 - O EXERCÍCIO PROFISSIONAL DO (A) ASSISTENTE SOCIAL NO SISTEMA ÚNICO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL - PÁGINA 802

CAPÍTULO 52 - INTERCEPTAÇÃO TELEFÔNICA COMO MEIO DE OBTENÇÃO DE PROVA PENAL. - PÁGINA 813

CAPÍTULO 53 - O “BODE EXPIATÓRIO” NO CENÁRIO PERSECUTÓRIO DA SOCIEDADE PUNITIVA, ATRAVÉS DA TEORIA DE RENÉ GIRARD. - PÁGINA 826

CAPÍTULO 54 - IMPOSTO SOLIDÁRIO: UMA ANÁLISE DO FUNDO MUNICIPAL DA CRIANÇA E ADOLESCENTE NO PERÍODO DE 2017 A 2019 - PÁGINA 838

CAPÍTULO 55 - CONTABILIDADE E AS PRÁTICAS GERENCIAIS: UM ESTUDO NAS INDÚSTRIAS DO SETOR CALÇADISTA DO RIO GRANDE DO SUL - PÁGINA 865

CAPÍTULO 56 - COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS DE PROFISSIONAIS DA SAÚDE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA - PÁGINA 896

CAPÍTULO 57 - DESPERTANDO O PRAZER PELA LEITURA DESDE A EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA PARCERIA ENTRE A FAMÍLIA E A ESCOLA PARA A VIDA - PÁGINA 916

CAPÍTULO 58 - PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE E A DESMOTIVAÇÃO PARA ENSINAR: COMO ISSO AFETA O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM - PÁGINA 931

CAPÍTULO 59 - INTELIGÊNCIA EMOCIONAL, LIDERANÇA TRANSFORMACIONAL E DESEMPENHO PROFISSIONAL: UMA INVESTIGAÇÃO EM EMPRESAS INCUBADAS - PÁGINA 950

CAPÍTULO 60 - A GÊNESE DA JUSTIÇA NO FENÔMENO JURÍDICO: ENSAIO DE UMA TEORIA IMPURA DO DIREITO - PÁGINA 973

CAPÍTULO 61 - DIREITOS DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: TRANSPORTE COLETIVO RODOVIÁRIO E RESPONSABILIDADES DA GESTÃO PÚBLICA - PÁGINA 995

CAPÍTULO 62 - ESTUDO SOBRE O DIREITO PRIVADO NO BRASIL: CODIFICAÇÃO, UNIFICAÇÃO E CONSTITUCIONALIZAÇÃO - PÁGINA 1009

CAPÍTULO 63 - CAPITALISMO CONSCIENTE: DESAFIOS NA GESTÃO PÚBLICA MUNICIPAL - PÁGINA 1023

CAPÍTULO 64 - TURISMO E SEUS BENEFÍCIOS NA SAÚDE DA TERCEIRA IDADE: UMA ANÁLISE TEÓRICA - PÁGINA 1048

CAPÍTULO 65 - TRANSFORMAÇÕES LEGISLATIVAS SOBRE O DIREITO DOS IDOSOS NO BRASIL - PÁGINA 1075

CAPÍTULO 66 - A LGPD E A UTILIZAÇÃO DE IMAGENS PESSOAIS - PÁGINA 1090

CAPÍTULO 67 - TURISMO DE LUXO: UMA VISÃO DO CLIENTE SOBRE O SETOR HOTELEIRO - PÁGINA 1109

CAPÍTULO 68 - TURISMO E EVENTOS: IMPACTOS DOS EVENTOS SOCIAIS E CORPORATIVOS REALIZADOS DENTRO DOS HOTÉIS NA BARRA DA TIJUCA - RJ - PÁGINA 1128

CAPÍTULO 69 - ANÁLISE DOS DADOS SOBRE CONCLUINTEES NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR NO BRASIL - PÁGINA 1139

CAPÍTULO 70 - GESTÃO POR PROCESSOS: IMPLEMENTAÇÃO DE PARCERIAS COM A INICIATIVA PRIVADA NO CAMPUS PINHEIRAL DO INSTITUTO FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - PÁGINA 1150

CAPÍTULO 71 - NOTÍCIAS NAS REDES: ANÁLISE DO COMPORTAMENTO DO JORNALISMO LOCAL A PARTIR DA HIPÓTESE DA AGENDA-SETTING - PÁGINA 1179

CAPÍTULO 72 - A PERCEPÇÃO DE PROFISSIONAIS MULHERES SOBRE OS DESAFIOS QUE ENFRENTAM NAS ORGANIZAÇÕES - PÁGINA 1196

CAPÍTULO 73 - LIDERANÇA FEMININA NA VISÃO DE MULHERES QUE ATUAM NO MERCADO FINANCEIRO - PÁGINA 1223

CAPÍTULO 74 - CONTEXTUALIZAÇÃO DO MANUAL DO PROFESSOR DO LIVRO DIDÁTICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - PÁGINA 1244

CAPÍTULO 75 - A CONDIÇÃO PÓS-MODERNA COMO IMPULSO CRIATIVO PARA A PRÁTICA ARTÍSTICA CONTEMPORÂNEA - PÁGINA 1270

CAPÍTULO 76 - O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM CONTEXTOS DE MUDANÇAS LINGÜÍSTICAS - PÁGINA 1282

CAPÍTULO 77 - O SIGNIFICADO DA FORMAÇÃO PEDAGÓGICA PARA O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO - PÁGINA 1304

CAPÍTULO 78 - A FORMAÇÃO DO ALUNO DO CURSO DE LETRAS: SEUS SIGNIFICADOS E SUAS CRENÇAS - PÁGINA 1316

CAPÍTULO 79 - O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO: A INTEGRAÇÃO DOS SABERES TÉCNICO-CIENTÍFICOS COM OS SABERES PEDAGÓGICOS - PÁGINA 1328

CAPÍTULO 80 - O ENSINO DE ARTE NO BRASIL E A LEI 10.639/2003: TRAJETÓRIA HISTÓRICA - PÁGINA 1340

CAPÍTULO 81 - RELAÇÕES ENTRE MPB E DANÇA-TEATRO: O CAMPO EXPANDIDO COMO ESPAÇO DE ENCONTRO NAS OBRAS DE CAETANO VELOSO E WUPPERTAL TANZTHEATER - PÁGINA 1352

CAPÍTULO 82 - PRINCÍPIOS DA DANÇA BUTOH NO ESPAÇO ESCOLAR: A EXPRESSÃO COMO POSSIBILIDADE DE ATIVIDADE EM AULA - PÁGINA 1363

CAPÍTULO 83 - ENSINO DO TEXTO ENTRE A CONFLUÊNCIA DA LINGUÍSTICA APLICADA E LINGUÍSTICA DE TEXTO: SUGESTÃO DIDÁTICA PARA A AULA DE PORTUGUÊS - PÁGINA 1374

CAPÍTULO 84 - QUIZ NA ESCOLA: O APP KAHOOT COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA DE INCLUSÃO E APRENDIZAGEM - PÁGINA 1392

CAPÍTULO 85 - VIDAS SECAS: A PALO SECO VERBAL E VISUAL - PÁGINA 1399

CAPÍTULO 86 - POESIA PERIFÉRICA: ESTÉTICA, SENTIDO E ORALIDADE - PÁGINA 1408

CAPÍTULO 87 - A INCLUSÃO DE ALUNOS COM SURDEZ NA ESCOLA REGULAR - PÁGINA 1425

CAPÍTULO 88 - UMA ANÁLISE DO DESENHO ANIMADO “SID, O CIENTISTA” PARA USO COMO FERRAMENTA DE ENSINO - PÁGINA 1435

CAPÍTULO 89 - APLICATIVOS PARA O ENSINO: UMA MANEIRA DIFERENTE DE ABORDAR A QUÍMICA - PÁGINA 1456

CAPÍTULO 90 - POLÍTICAS DE MEMÓRIA: ESTABELECIDO AS BASES PARA A DISCUSSÃO DA MEMÓRIA DA DITADURA NO BRASIL - PÁGINA 1482

CAPÍTULO 91 - GESTÃO ESTRATÉGICA DA QUALIDADE PARA MICRO E PEQUENAS EMPRESAS CONTÁBEIS E DEPARTAMENTOS DE CONTABILIDADE - PÁGINA 1503

CAPÍTULO 92 - CAPDEVER MOTUMBÁ MOTUMBAXÉ: CONTRIBUIÇÕES EDUCADORAS DE/PARA RESISTÊNCIA - PÁGINA 1527

UMA PERSPECTIVA DOS PAIS A RESPEITO DO ENSINO REMOTO EM PRESIDENTE KENNEDY: UM ESTUDO DE CASO NO ENSINO FUNDAMENTAL

Aline Carvalho Moreira da Silva e José Geraldo Ferreira da Silva

RESUMO: Desde a confirmação, no Brasil, do primeiro caso do novo coronavírus, em março de 2020, os governos estaduais e municipais em todo o território brasileiro optaram por suspender totalmente as aulas presenciais e as aulas remotas foram a alternativa adotada pela maioria das escolas para contornar o distanciamento causado pela pandemia e diminuir os impactos negativos do processo de ensino-aprendizagem. Entretanto, nem os alunos estão tecnologicamente preparados, nem os professores têm a formação necessária para passar do ambiente físico ao virtual e os pais podem não conseguir auxiliar os filhos devido a limitações acadêmicas ou mesmo pela falta de tempo. Nesse contexto, este estudo tem como objetivo identificar as principais dificuldades e soluções encontradas pelos pais dos alunos das escolas rurais de Presidente Kennedy para dar o apoio necessário ao cumprimento das tarefas. O estudo foi realizado com os pais dos alunos do 5o ano Ensino Fundamental da rede municipal de ensino. Para a coleta dos dados foi utilizado um questionário voltado aos pais dos alunos, onde se buscou analisar a visão destes sobre o ensino remoto, utilizado ao longo do ano de 2020 e 2021. Conclui-se que o percentual de pais que buscam os professores para o esclarecimento de dúvidas foi pequena e alguns alegaram que, quando o fazem, o retorno é rápido e claro. Mais da metade dos pais considerou o ensino pouco suficiente neste período, entretanto, somente metade dos pais possui rotina e ambiente adequado para os alunos acompanharem as atividades. Vale ressaltar que muitos pais alegaram não ter tempo para acompanhar os filhos em suas atividades escolares. Na concepção dos pais, os alunos precisam de aulas individuais, como forma de reforçar os conteúdos ofertados, bem como melhor preparação dos docentes para atuarem no ensino remoto. Conclui-se, também, que os pais entendem que o ensino remoto oferecido esteve aquém do ideal, sendo necessárias melhorias para que este seja considerado eficaz.

INTRODUÇÃO

Após o surgimento de um novo coronavírus (SARS-CoV-2), instaurou-se pelo mundo uma pandemia nomeada por COVID-19. O primeiro registro se deu na China, propagando-se por todo o mundo, incluindo o Brasil. Segundo Gruber (2020), os primeiros indícios oficiais desta doença surgiram em dezembro de 2019, em Wuhan, na China, espalhando-se rapidamente para todo o mundo.

Em resposta a esse problema, foram implementadas diversas intervenções, com o intuito de diminuir a disseminação e contaminação da população, principalmente para às pessoas com risco de grandes complicações de saúde.

Neste contexto, o fechamento das escolas e a suspensão das aulas, sem data de retorno, se tornou uma medida essencial para que os alunos, os professores e demais colaboradores da educação, não se contaminassem e/ou se tornassem vetores do vírus e ainda, pudessem propagá-lo em suas casas e comunidades, uma vez que a escola é um local de muita interação e por essa razão a disseminação do vírus ocorreria em escala muito acelerada, o que agravaria ainda mais o sistema de saúde, especialmente com a superlotação de leitos em hospitais.

Com isso, mais de quarenta e sete milhões de estudantes brasileiros da educação básica, segundo o Censo Escolar de 2019 (INEP, 2020), tiveram suas aulas presenciais interrompidas e as escolas tiveram que se reinventar e a oferta de aulas em ambientes virtuais passaram a ser prioritárias.

Para tanto, o CNE (Conselho Nacional de Educação) aprovou um documento, o Parecer CNE/CP nº 5/2020, com o objetivo de apresentar orientações e sugestões, às escolas da educação básica e instituições de ensino superior sobre as práticas que devem ser seguidas durante a pandemia da COVID-19, além de indicar normas nacionais gerais (CNE, 2020).

A aula remota vem se mostrando como uma alternativa adotada pela maioria das escolas para contornar o distanciamento causado pela pandemia e diminuir os impactos negativos do processo de ensino-aprendizagem.

Diante das circunstâncias em que o País se encontra para o enfrentamento da COVID-19, o ambiente familiar se tornou ainda mais necessário para que a aprendizagem mediada aconteça, com aulas remotas, por meio de redes sociais e aplicativos e ainda com materiais impressos entregues na residência do aluno, o que leva, de alguma forma, a família a fazer parte mais efetivamente da vida escolar dos seus filhos.

A educação é uma tarefa compartilhada entre pais e educadores, cujo objetivo é a formação integral dos alunos. Por isso, a linha de ação deve ser realizada em conjunto, cabendo ao professor buscar envolver os pais e fornecer-lhes todas as informações para que se sintam vinculados à escola e, portanto, responsáveis pelo processo educacional de seus filhos. Uma boa interação entre a escola e a família oferece ao aluno uma imagem de proximidade e relacionamento entre as pessoas que cuidam dele, e confere ao ambiente escolar um caráter de familiaridade e segurança (CHRAIM, 2009).

Vista dessa forma, Paro (2018) ressalta que a educação deve garantir ao aluno um conjunto de experiências que apoiam e complementam as vivências, nunca substituindo as recebidas na família, para o pleno desenvolvimento das capacidades da criança.

A família é um núcleo vital tanto para a sociedade como para o desenvolvimento do ser humano; é para a criança o primeiro transmissor de padrões culturais e seu primeiro agente de socialização. Por isso, os principais responsáveis pela educação são os pais. Deve ficar claro, então, que a educação é tarefa primordial da família, embora seja compartilhada de forma significativa com a escola, com o meio ambiente e com o contexto social, porque é lá que a criança realiza o aprendizado social básico que a ajudará no relacionamento consigo mesma e com os outros.

Esta forma de levar o conhecimento até ao aluno, minimiza os impactos da pandemia, na educação das crianças de forma ampliada. Pois as famílias ainda também podem contar com mais o recurso das Redes Sociais, como por exemplo, o aplicativo WhatsApp com os grupos escolares criados pelas escolas e com a participação de todos os professores e suas respectivas disciplinas, seguindo as orientações de cada escola. Através deste aplicativo são enviadas atividades complementares, aproveitando os vários recursos da tecnologia que estão alcance dos professores nas escolas, como vídeo aulas dos próprios professores regentes e outros vídeos complementares.

Além das plataformas e aplicativos, para aqueles que puderem usufruir destes recursos, como o GOOGLE CLASSROOM e GOOGLE MEET onde são enviadas atividades complementares e interdisciplinares em forma de vídeo aula/conferência para aumentar a interação do aluno e sua família com os professores e escolas.

Juntamente com a questão emocional, a crise de saúde também evidenciou as deficiências de um sistema educacional presencial que não proporcionou recursos e capacitação suficientes ao corpo docente para uma situação como a vivida. Sem um modelo definido, os professores tiveram que adaptar o conteúdo para a educação a distância em tempo

recorde, utilizando ferramentas para se comunicar com os alunos ou realizar tarefas online que, em algumas ocasiões, nunca haviam sido utilizadas (ALVES, 2020).

Segundo Suárez e Vélez (2018), as escolas têm uma responsabilidade importante de fornecer as bases educacionais para o futuro das crianças, mas neste momento atípico de pandemia, é preciso reconhecer as limitações da família e desenvolverem uma maior parceria. Considerado de maneira ampla, o envolvimento dos pais consiste em parcerias entre família, escola e comunidade, aumentando a consciência dos pais sobre os benefícios de se envolver na educação de seus filhos. Para Silva e Muller (2011), família, escola e comunidade são parcerias que redefinem os limites e funções da educação, criando condições nas quais as crianças aprendem com mais eficácia.

A conexão entre o envolvimento da família e o desempenho acadêmico tem sido consenso na literatura (CHRAIM, 2009; VARANI; SILVA, 2010; SUÁREZ; VELÉZ, 2018), como forma de construir uma base sólida para o sucesso do aluno e futuras oportunidades. Os alunos não são os únicos que se beneficiam do envolvimento da família: pais e professores também. Os professores podem preparar os pais para ajudar com a lição de casa ou conceitos acadêmicos e pais engajados tendem a ter os professores em alta conta, o que aumenta a valorização desses profissionais.

É importante que os pais percebam que são a influência primária na formação de seus filhos. Todo pai é um professor para seu filho, o primeiro e o mais importante. São os primeiros modelos de como agir no mundo e, quando a criança inicia o período escolar, o que ela realmente faz é praticar o que aprendeu em família. Se os pais criticam, a criança aprende a criticar; se são tolerantes, a criança aprende a ser tolerante e assim por diante (CHRAIM, 2009).

Nesse sentido, Mini (2020, p. 29) afirma que, apesar de alguns pais conseguirem manter um processo de ensino e aprendizagem dentro de certa adequação, não se pode deixar de pensar que milhões de famílias estão rodeadas de dificuldades sociais, que têm impedido que os filhos obtenham avanços na educação, complementando que “pouquíssimas famílias estão conseguindo o mínimo e as vitórias dessas pouquíssimas famílias não são nada para um país de 200 milhões de habitantes que tem problemas estruturais históricos na educação”.

Se as relações familiares não possuem um acolhimento agradável, motivador e interessante, isso pode levar o aluno ao desinteresse e desânimo. A fim de desenvolver uma melhor aprendizagem, é necessário um clima de confiança tanto na família quanto nas escolas. O diálogo, portanto, deve ser constante, produtivo, harmonioso e consistente.

Devido às pressões e circunstâncias, muitas famílias precisam de arranjos especiais, ou suporte extra, para se tornarem ativamente envolvidas na vida escolar de seus filhos e para ajudá-los a obter o máximo da escola. Famílias que entendem o sistema educacional e as dificuldades que as escolas enfrentam são uma fonte valiosa de apoio que não pode ser subestimado.

Entretanto, muitos fatores podem influenciar a relação entre a família e os filhos no processo de ensino e aprendizagem. Segundo Santos (2020), alguns pais têm problemas com horários, que tornam difícil a participação efetiva nas questões educacionais dos filhos; outros como aqueles de famílias de baixa renda apresentam menor envolvimento dos pais, bem como a falta de escolaridade.

Uma forma de desigualdade educacional está relacionada à participação de pais e mães nas atividades de acompanhamento escolar dos filhos. No período pré-pandêmico, um dos aspectos vigentes nas escolas na configuração da participação dos pais vinha sendo o gênero, ou seja, a crença que delega às mães as diferentes atividades propostas no âmbito da participação dos pais, vinculando a participação ao cuidado, atenção e interesse que, como mãe (ou mulher), se considera que ela deve proporcionar (BERNARDO, 2020).

Outra característica anterior à pandemia segundo Badin; Pedersetti e Silva (2020), é que, apesar de reclamar a presença dos pais, a escola sempre impôs certo distanciamento, na intervenção destes, nas questões pedagógicas e curriculares. Entretanto, a partir da educação remota, essa perspectiva mudou repentinamente. A escola transferiu parte do seu trabalho para as famílias, delegando aos pais a responsabilidade de acompanhar e fiscalizar o trabalho escolar dos alunos. A desigualdade que se expôs ainda mais com esta forma de participação é aquela ligada à capacidade das famílias, não só em termos informáticos, mas também em relação à sua própria história escolar e ao tempo de que muitas delas dispõem.

Assim, conforme Mini (2020), aqueles pais que não tiveram a opção de trabalhar remotamente em casa passaram a ter que, por um lado, cumprir a jornada de trabalho e, por outro, buscar o tempo e o recurso (internet, celular, equilíbrio) para, por exemplo, revisar e aconselhar o desempenho das tarefas e atividades de seus filhos em todas as disciplinas.

Todas essas ações seguiram rumos muito diferentes em cada uma das famílias. Enquanto alguns foram capazes de realizar essa tarefa, houve outros para os quais foi difícil ou impossível cumprir totalmente com esta demanda. Isso ocorre não apenas devido a uma rede de suporte nula ou fraca ou pela falta de recursos financeiros e materiais.

Para muitos pais, segundo Mini (2020), mesmo quando há computador ou telefone celular, a falta de experiência em conhecimentos acadêmicos representa uma desvantagem

que dificulta o acompanhamento de seus filhos à escola, demonstrando que o capital cultural das famílias desempenha um papel fundamental nas desigualdades educacionais. Essas diferenças ou desigualdades relacionadas ao capital cultural podem levar ao acúmulo de vantagens em famílias privilegiadas e de desvantagens em famílias menos favorecidas, aumentando a distância social entre diferentes grupos.

Santos (2020) afirma que os pais, muitas vezes, apesar de tentarem desempenhar o papel que lhes foi imposto, não se sentem ou não são preparados para esta tarefa. Enquanto alguns se sentem mais conectados para o trabalho escolar de seus filhos, outros consideram um fardo adicional, para o qual não possuem preparo. Além disso, muitas vezes as escolas e professores não ofereceram orientações suficientes para melhorar a experiência de envolvimento dos pais, especialmente com o uso eficaz da tecnologia.

Ainda, segundo Santos (2020), o ensino remoto produziu momentos de inspiração, de raiva, diversão e frustração, mas é altamente improvável que tenha efetivamente substituído a aprendizagem na escola. Além disso, haverá diferenças substanciais entre famílias, algumas das quais podem ajudar seus filhos aprender mais do que outros. Entre as principais diferenças estão a quantidade de tempo disponível para se dedicar aos estudos do filho, as habilidades não cognitivas dos pais, os recursos disponíveis (acesso a material online) ou o nível de conhecimento dos pais, entendendo que torna-se difícil ajudar o filho se este tiver que estudar algo que seja estranho ao conhecimento dos pais.

De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU, 2020), muitos alunos de países em desenvolvimento (Como Argentina, Panamá, Bolívia, Equador, Paraguai, dentre outros) especialmente os mais jovens e os que pertencem a grupos minoritários, não têm suporte adequado ao ensino remoto devido à falta de instrução dos pais, que muitas vezes não têm o conhecimento (habilidades digitais, baixo nível educacional) para auxiliar os filhos nas tarefas escolares, levando muitas crianças a não terem o ambiente estável e suporte na aprendizagem necessário para se adaptar às novas formas de ensino. Em muitos países, crianças de origens socioeconômicas mais baixas são mais suscetíveis a não ter oportunidades para ler, dispor de um ambiente adequado e receber apoio dos pais durante o fechamento das escolas, recebendo consideravelmente menos ajuda com os trabalhos de casa.

De acordo com Azubuike e Aina (2020), pesquisa realizada com pais de alunos da Nigéria para avaliar como estavam se adaptando ao ensino remoto durante a pandemia constatou que aqueles pais que disseram não saber como apoiar a aprendizagem de seus filhos remotamente eram mais propensos a ter o ensino médio ou menos. Os pais que relataram estar muito ocupados para apoiar o aprendizado remoto de seus filhos durante a pandemia tinham

maior probabilidade de serem pais com educação pós-secundária. As diferenças entre esses dois grupos também foram estatisticamente significativas. Essas descobertas fornecem evidências não apenas de que algumas crianças podem ter perdido o aprendizado durante a pandemia, mas também de que o motivo de sua exclusão do aprendizado varia de acordo com a educação dos pais.

Assim, o conhecimento, histórico educacional e status socioeconômico desempenham um papel na aprendizagem remota. O acesso desigual a oportunidades de aprendizagem remota, segundo Azubuike e Aina (2020), resultará em desigualdade de resultados educacionais, onde crianças com pais mais ricos podem ter mais vantagens do que suas contrapartes em famílias mais pobres, com pais menos instruídos.

Pesquisa realizada por Bhatnagar e Roy (2020) em Nova Delhi, com cerca de 2.0000 pais, concluiu que estes não são capazes de ajudar seus filhos substancialmente ou ajudá-los a compreender ou completar suas tarefas de aprendizagem. Grande parte do apoio dos pais se dá na forma de dar seus celulares ou dispositivos de internet para que seus filhos aprendam ou lembrem-se de estudar todos os dias. Apenas cerca de 1% desses pais registrou que foram capazes de ajudar seus filhos tentando realmente usar o material disponível em casa para ensinar-lhes conceitos.

Para os pais que lidam com instabilidade financeira e um futuro incerto, talvez a educação de seus filhos não seja a primeira preocupação em suas cabeças. Essa incapacidade de ajudar origina-se fundamentalmente do seu desconhecimento dos conteúdos exigidos pelas escolas. Para Bhatnagar e Roy (2020), o sistema educacional, ao longo do tempo, alienou as pessoas que têm menos anos de educação institucional ou menos recursos e tal situação não foi diferente neste momento de ensino remoto, não levando em conta que esses pais não terão condições de ajudar os filhos nas tarefas escolares.

A população rural apresenta um alto nível de dispersão, isolamento e dificuldade de comunicação. No Brasil, cerca de 14% dos habitantes, por volta de 30 milhões de pessoas, vivem em comunidades rurais, que continuam sendo uma parte vital da nação. O Brasil rural mudou de muitas maneiras, devido às melhorias na comunicação e no transporte entre as áreas urbanas, que reduziram o isolamento rural e removeram muitas das diferenças culturais entre as duas áreas. A televisão, o serviço telefônico e os sistemas de transporte têm ajudado a aproximar muito mais esses moradores em termos de cultura, informação e estilo de vida (IBGE, 2021).

Entretanto, não existe um padrão único dessa população, havendo diferenças regionais, ou seja, as áreas rurais de uma determinada região geográfica do país costumam ser

semelhantes entre si e diferentes das áreas de outra região. Muitas dessas diferenças são o resultado de uma combinação de fatores, incluindo a disponibilidade de recursos naturais, distância e acesso às principais áreas metropolitanas e às informações e serviços nelas encontrados; transporte; história e estrutura política, serviços de telecomunicações e acesso à internet, dentre outras (SÁ et al., 2016).

No Brasil, ainda de acordo com Sá et al. (2016), o cenário rural é diversificado e complexo. No mesmo espaço geográfico, comunidades ou cidades são diferenciadas pelo acesso a recursos e a articulação com centros urbanos mais próximos, bem como pelas peculiaridades culturais. Esta diferenciação esconde desigualdades reais no acesso aos benefícios da modernidade, no desenvolvimento de uma cidadania plena e no exercício dos direitos que lhe são conferidos perante a lei.

Segundo Munarim (2014), no que se refere ao acesso às TICs, estar longe de áreas urbanas pode tornar indisponíveis recursos tecnológicos essenciais, como internet de alta velocidade, afetando negativamente as oportunidades acadêmicas para os alunos. As escolas rurais buscam oferecer as mesmas experiências educacionais fornecidas por seus pares urbanos, mas a capacidade da tecnologia de superar a distância, aumentar a eficiência e personalizar experiências continua sendo somente uma grande promessa.

Ser aluno de uma escola em área urbana ou rural não é a mesma coisa, nunca foi, mas em momentos extremos como o que está sendo causado pela pandemia da Covid-19, acessar ou não acessar conteúdos educacionais define, mais uma vez, quem está inserido no sistema educacional e quem não está. Ou seja, quem está conseguindo acessar um direito e quem fica de fora, isolado e (des)conectado.

No Brasil, 5.050.154 crianças e jovens estão matriculados em escolas rurais, de acordo com o Censo Educacional de 2019 (INEP, 2019). Desde o início da quarentena, como resultado da pandemia da Covid-19, esses alunos foram encaminhados para suas casas que, em muitos casos, estão localizadas em áreas rurais dispersas ou mais distantes dos centros povoados de seus municípios. A situação é complexa, tendo em conta que menos de 10% dessas famílias possuem um computador desktop, notebook, celular com acesso a internet ou tablet (INEP, 2020).

O ensino remoto como forma de suprir a falta da escola, foi adotado de forma generalizada com ênfase na educação digital durante a emergência. Diante da impossibilidade de acesso aos meios digitais (não somente pela população rural, mas também por aqueles com menor poder aquisitivo, que não dispõem de acesso à internet ou a equipamentos eletrônicos),

foram distribuídos materiais impressos por grande parte das redes públicas de ensino (RIBEIRO, 2020).

Entretanto, apesar do potencial de adoção destes materiais, não existe um plano articulado, em nível nacional, para garantir uma educação de qualidade nas várias dimensões da educação. Para Costa Neto (2020), esta metodologia é descontextualizada, "plana" e não pedagógica para os alunos, pois não oferece a possibilidade de interagir e solucionar dúvidas com os professores, não sendo, portanto, realmente uma educação. O fato de o acompanhamento constante pelos professores não ser viável implica que os pais assumirão um papel mais ativo nesse processo. Esta situação torna-se ainda mais complexa no campo, onde a maioria dos pais frequentou apenas o ensino primário.

Garantir o direito à educação exige que ninguém fique para trás e esta deve ser a filosofia educacional para as ações e práticas, com especial atenção para a escola rural, durante as mudanças inesperadas e vertiginosas que a Covid-19 provocou. Entretanto, os pais não foram devidamente orientados, dificultando ainda mais a vida escolar daqueles alunos com maiores dificuldades, tornando difícil a consolidação de uma estrutura organizacional que pudesse fazer com que boa parte dos alunos de todas as fases de ensino continuasse a aprender. Embora tenham surgido formas criativas e inovadoras de atendimento à educação, a desigualdade no acesso a esse direito nas famílias, bem como a falta de competências digitais da população que vive nessas áreas, aumentaram a lacuna no acesso ao conhecimento, especialmente entre as crianças mais desfavorecidas (SANZ; GONZÁLEZ; CAPILLA, 2020).

Entretanto, segundo Lima (2020), apesar do suporte tecnológico e didático que essas escolas têm construído a partir do cotidiano dos processos educacionais e de seus recursos, existem fatores que condicionaram e limitaram o acesso ao conhecimento de muitos alunos e a impossibilidade de um acompanhamento ativo da aprendizagem por educadores. A disponibilidade ou não de recursos tecnológicos ou acesso à internet evidencia a fragilidade do cumprimento do direito à educação. Nesse período, a exclusão digital tem sido o elemento-chave e o principal eixo das ações nas instituições de ensino.

Assim, apesar de as ações realizadas nessas escolas terem buscado o acesso ao conhecimento a partir das diferentes possibilidades dos alunos, a falta de recursos materiais, infraestrutura, tempo e conhecimento sobre o uso dos recursos digitais em algumas famílias têm condicionado obter um impacto significativo na experiência de aprendizagem dos alunos (SILVA; WEINMAN, 2020).

Segundo dados do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC, 2020), 48% dos domicílios na zona rural do Brasil não têm acesso à

Internet e 47% não têm computador. Outro relato importante é que mesmo quando as famílias possuem celular, a situação de insuficiência se mantém, pois há vários alunos na família que demandam o seu uso, impossibilitando que todos o utilizem na medida necessária para cumprir seus compromissos escolares.

Segundo Daniel (2020), além disso, a educação à distância no meio rural também enfrenta o problema estrutural da casa dos alunos que não possuem um ambiente adequado para estudar e a baixa escolaridade de muitos pais ou responsáveis, que têm dificuldade em responder às dúvidas que se colocam nessas atividades.

A equidade educacional remete à ideia de igualdade de condições de acesso à escola e de qualidade do ensino, o que significa que não deve haver diferenças sistemáticas no desempenho escolar entre grupos de indivíduos, de acordo com sua situação socioeconômica, gênero, raça, faixa etária ou local de moradia. Entretanto, para Silva, Silva e Montanari (2020), a equidade educacional não é uma realidade vivenciada pelos alunos das escolas rurais, havendo uma situação grave de profunda ameaça ao direito à educação.

Diante deste cenário, para tentar amenizar a condição atual e garantir o contínuo acesso a uma educação de qualidade às nossas crianças, no município de Presidente Kennedy têm realizado várias ações especialmente para que o aluno não seja prejudicado com o fechamento das escolas, onde acontecia o ensino – aprendizagem, onde ele se alimentava, onde ele brincava e interagia com seus colegas e agora a sua casa passou a ser sua escola, seu lugar de interação e aprendizagem, porém sem muito contato pessoal, devido ao determinado isolamento social.

Este estudo teve como objetivo identificar as principais dificuldades e soluções encontradas pelos pais dos alunos das escolas rurais de Presidente Kennedy para dar o apoio necessário ao cumprimento das tarefas escolares.

METODOLOGIA

O cenário da pesquisa foi o município de Presidente Kennedy, que possui uma população estimada de 11.658 habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021).

O estudo foi realizado com os pais de alunos das turmas do 5º ano do Ensino Fundamental da rede municipal de ensino, que possui 22 escolas, atendendo da Educação Infantil ao Ensino Fundamental II. Deste total, 13 escolas atendem 1.097 alunos do Ensino

Fundamental I, mas destas instituições escolares apenas oito possuem turmas de 5º ano, que atendem 214 alunos. A coleta de dados ocorreu nos meses de março e abril de 2021.

Optou-se por somente uma série do Ensino Fundamental por se entender que devido à pandemia, seria muito difícil alcançar todas as famílias e professores da rede de ensino, haja vista principalmente a dispersão das famílias no município de Presidente Kennedy. Assim, a escolha das turmas de 5º ano se deve ao fato destes alunos estarem no último ano do Ensino Fundamental I e, portanto, já recebem conteúdos com maior profundidade, demandando maior auxílio dos responsáveis para o desenvolvimento das tarefas escolares.

A escolha dos pais foi realizada de forma aleatória, onde foram encaminhados questionários para cerca de 65% dos responsáveis de cada turma, que corresponde a um grau de confiança de 95% e uma margem de erro de 5% para o caso dos pais ou responsáveis pelos alunos. Porém apenas 120 pais ou responsáveis responderam ao questionário caindo assim a margem de erro para 6%, mantendo o grau de confiança.

Para a coleta dos dados foi utilizado um questionário voltado aos pais dos alunos, onde se buscou analisar a visão destes sobre o ensino remoto, utilizado ao longo do ano de 2020 e parte de 2021. Estes foram reproduzidos por meio de xerox e entregues juntamente com as atividades encaminhadas pelas escolas, devendo os mesmos retornarem quando da devolutiva das referidas atividades.

Os responsáveis foram esclarecidos sobre o estudo e aqueles que aceitarem participar da pesquisa manifestaram sua aquiescência por meio da assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi devolvido junto com o questionário.

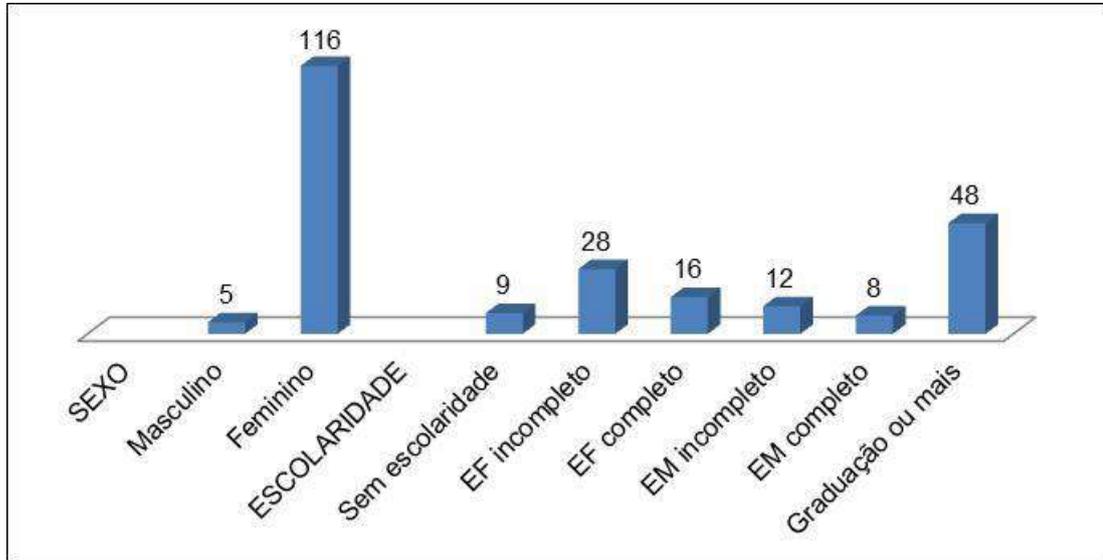
Os dados obtidos a partir dos questionários foram tratados de forma qualitativa, de modo a permitir que as informações possam ser analisadas. A análise dos dados foi realizada por meio da aplicação da técnica de análise de conteúdo, que objetiva considerar o que foi escrito no instrumento de pesquisa ou observado pelo pesquisador, com o intuito de produzir inferências de um texto para seu contexto social (BARDIN, 2011).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na Figura 1 podem ser observadas as respostas dos pais dos alunos com relação ao sexo e sua escolaridade. Fizeram parte deste grupo de respostas 121 pais de alunos, sendo que 5 (4%) são do sexo masculino e 116 (96%) do sexo feminino. Dentre estes, 9 (7%) pais se declararam sem escolaridade, 28 (23%) não concluíram o ensino fundamental, 16 (13%)

possuem ensino fundamental completo, 12 (10%) não concluíram o ensino médio, 8 (7%) possuem ensino médio completo, e 48 (40%) possuem graduação ou mais.

Figura 1 – Sexo e escolaridade dos pais de alunos



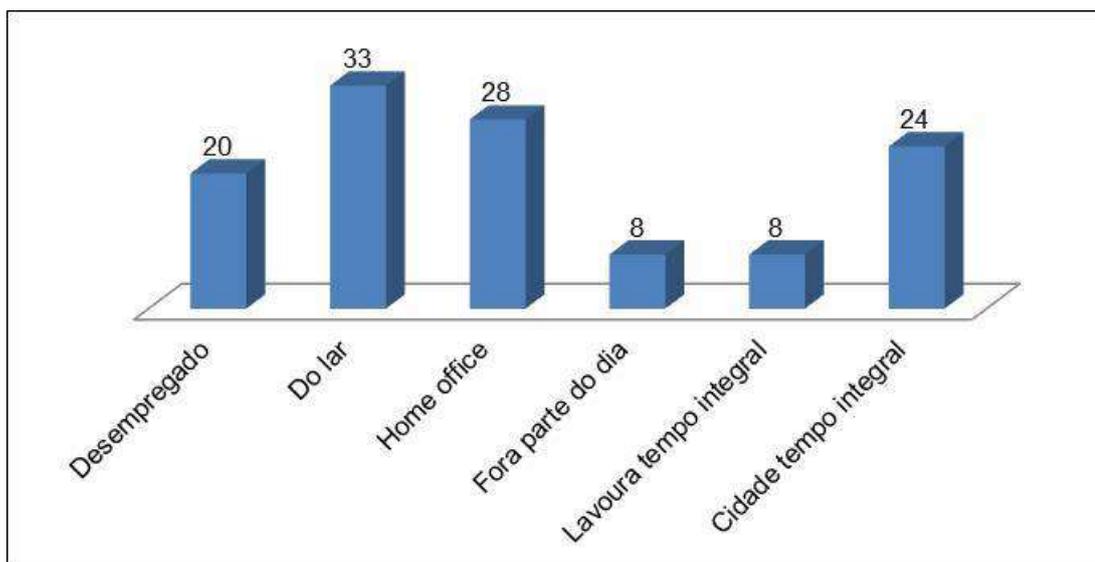
Fonte: Autores, 2021

Observa-se que um percentual significativo dos entrevistados foram mães de alunos, que geralmente é o responsável que acompanha os filhos nas tarefas escolares. Na amostra, apesar de muitos (40%) já possuírem curso superior, 30% dos pais não chegaram a concluir o ensino fundamental. Isto mostra a grande diversidade de escolaridade por parte dos pais ou responsáveis pelas crianças que frequentam o 5º ano do ensino fundamental.

Na Figura 2 têm-se as respostas dos responsáveis pelos alunos do 5º ano do ensino fundamental I, a respeito de suas jornadas de trabalho no ano de 2020, durante a pandemia. Observa-se, nesta figura que 20 (16%) dos responsáveis pelas crianças estavam desempregados, 33 (27%) afirmaram que são do lar, 28 (23%) deles trabalhavam home office. Estes (66%), devido À sua jornada de trabalho estariam em casa a maior parte do dia.

Também se verifica, nesta figura, que 8 (7%) deles trabalhavam parte do dia fora de casa. Este grupo de pessoas, passa pelo menos uma parte do dia em casa e assim também podiam dar assistência aos seus filhos para realizar suas tarefas de aula. Quanto aos demais, 8 (7%) declararam que trabalham na lavoura o dia todo e outros 20 (16%) declararam trabalhar na cidade o dia todo. Assim, este grupo de pessoas só teve a noite para dar alguma assistência a seus filhos, o que provavelmente dificultou o acesso aos professores.

Figura 2 – Jornada de trabalho no ano de 2020



Fonte: Autores, 2021

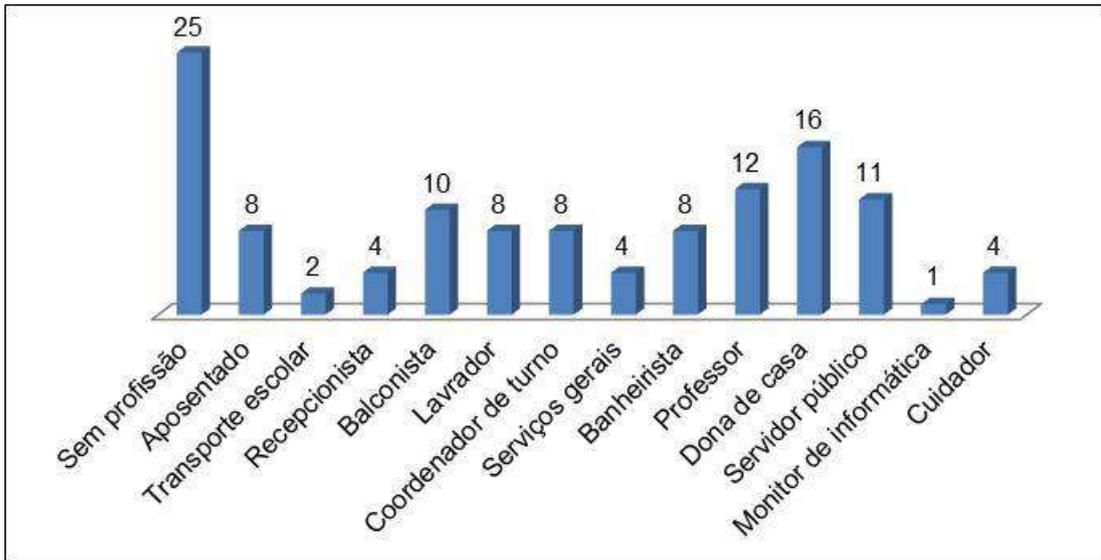
Das profissões relatadas pelos pais/responsáveis pelas crianças, verifica-se na Figura 3 que 25 (21%) deles se declararam sem profissão. Desta forma percebe-se que muitos não reconhecem o que fazem como uma profissão. Observam-se, nesta figura, que 13 profissões foram declaradas, destacando-se 16 (13%) como sendo do lar, 12 (10%) professores, 11 (9%) são servidores públicos e 10 (8%) balconistas. Vale destacar que, na Figura 2, 33 pessoas se declararam como sendo do lar, mas apenas 16 delas declararam que ser dona de casa, é uma profissão conforme mostra a Figura 3.

Na Figura 4 pode ser observado o número de pessoas que moram no mesmo núcleo familiar e o número de filhos por família. Observa-se, nesta figura, que 49 (41%) declaram que residem apenas 3 pessoas em suas casas, outros 68 (56%) declararam que moram entre 4 e 6 pessoas, e 4 (3%) declararam que vivem em sua residência 7 ou mais pessoas.

Com relação ao número de filhos, verifica-se, nesta figura que 69 (57%) das famílias possuem somente um filho, outros 40 (33%) declararam possuir 2 filhos, enquanto 8 (7%) declararam possuir 3 filhos e outros 4 (3%) declarou possuir 5 filhos. Nenhum dos participantes declararam possuir 4 filhos ou mais de 5 filhos

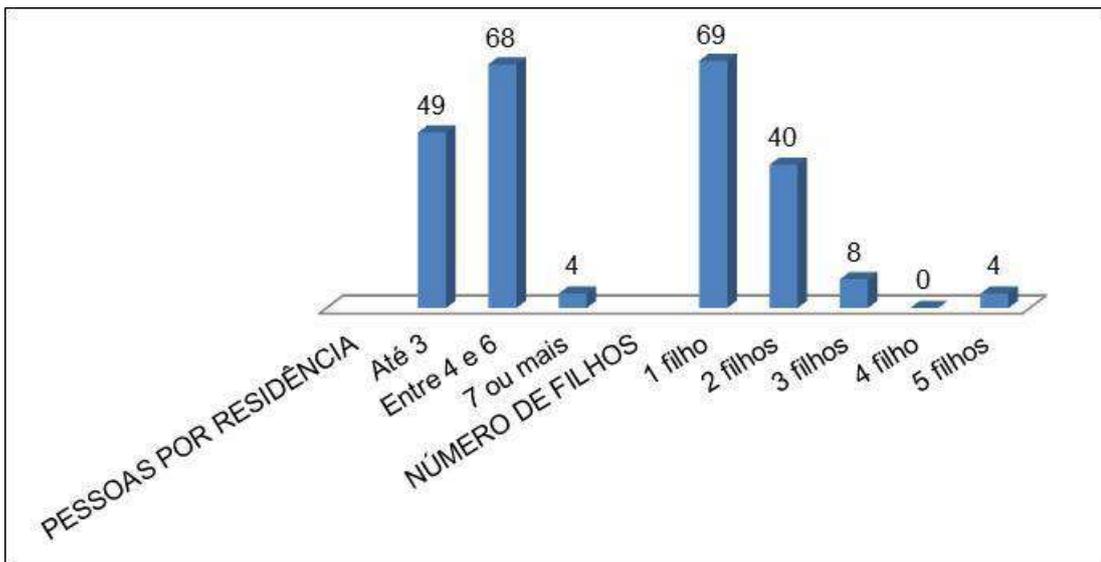
Ao analisar as respostas da Figura 4, pode-se constatar que em algumas famílias existem alguns agregados, principalmente naquele grupo de famílias que declararam possuir apenas um filho, pois 69 pessoas declararam possuir apenas um filho, mas apenas 49 deles declararam que moram apenas 3 pessoas na residência.

Figura 3 – Profissão declarada pelos pais/responsáveis pelas alunos



Fonte: Autores, 2021

Figura 4 – Número de pessoas por residência e de filhos por família

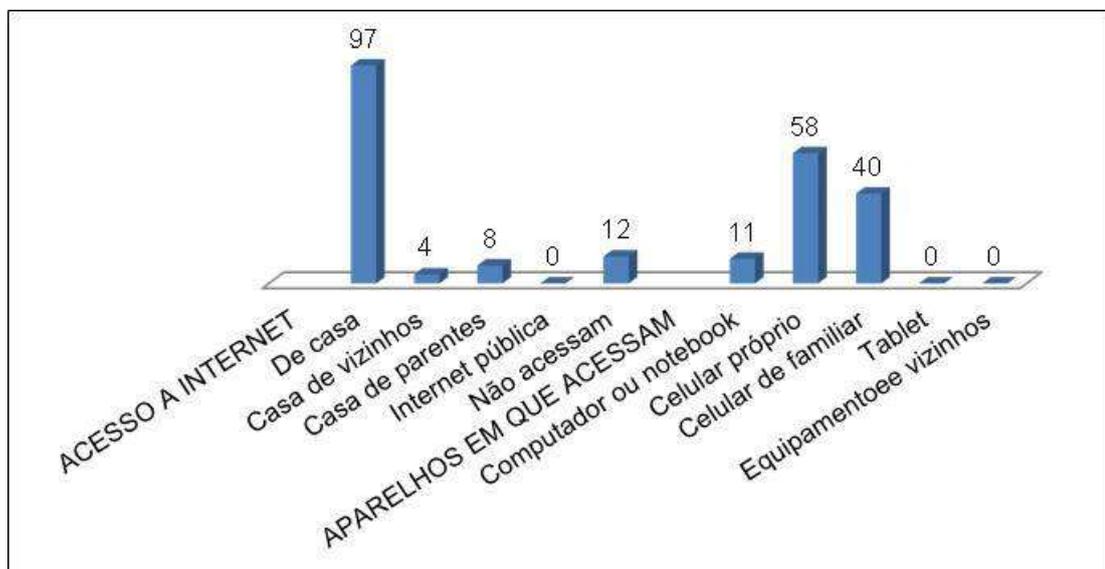


Fonte: Autores, 2021

Estudo de Calvano et al. (2021) constatou que os pais sofreram impactos significativos no período da pandemia, relacionados, além do fechamento das escolas e da necessidade de auxiliarem os filhos nas tarefas escolares, a perda de emprego, redução de salários, dificuldades financeiras, ocasionando o que denominam de estresse parental, especialmente nas famílias maiores, com maior número de filhos ou pessoas residindo no mesmo espaço, caso desta pesquisa.

Na Figura 5 têm-se as formas de acesso à internet, utilizadas pelas crianças para realizar suas tarefas escolares. Em relação ao acesso do filho à internet, verificou-se que 97 (80%) possuíam internet em casa, porém 4 (3%) tiveram que buscar apoio na casa dos vizinhos para acessar a internet, 8 (7%) contaram com o apoio dos parentes indo até à casa deles para acessar a internet para fazer suas atividades escolares. Verificou-se também que 12 (10%) não conseguiram ter acesso à internet para realizar suas atividades escolares, ficando este grupo de alunos prejudicados em seu aprendizado. Dentre os 109 que responderam afirmativamente à questão anterior, 11 (10%) acessam a internet de computador ou notebook, 58 (53%) com celular próprio e 40 (37%) de celular de algum familiar.

Figura 5 – Acesso a internet e equipamentos utilizados pelos alunos



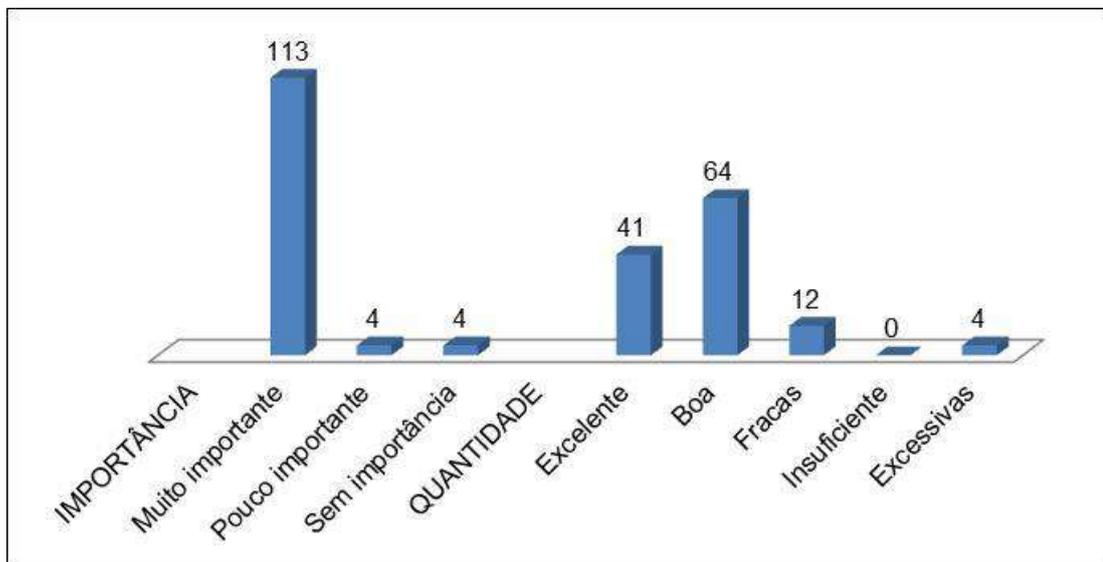
Fonte: Autores, 2021

Segundo Robinson e Rusznyak (2020), os recursos digitais podem ajudar no aprendizado, mas também podem ser uma barreira. Nem todas as famílias têm necessariamente acesso às mesmas ferramentas tecnológicas (internet, computador, televisão, telefone), assim como não têm o mesmo nível de conhecimento e habilidade no uso de tecnologia. Isso pode levar a mais desigualdades entre os alunos.

Portanto, é necessário garantir que todos os alunos tenham acesso a recursos suficientes para manter seu aprendizado. A ideia não é deixar de lado todas as plataformas digitais de aprendizagem, mas são necessárias várias soluções estáveis e menos vulneráveis a avarias e dificuldades técnicas.

A Figura 6 apresenta a respostas dos pais/responsáveis pelos alunos, quanto a importância e a qualidade das atividades enviadas pela escola durante a pandemia. Verifica-se que, com relação à importância das atividades, 113 (94%) dos pais/responsáveis afirmaram ser muito importante as atividades enviadas e que apenas 8 (6%) destes afirmaram ser pouco importante ou sem importância. A opinião deles com relação à quantidade das atividades enviadas pelos professores verifica-se, nesta figura, que 41 (34%) dos pais/responsáveis as consideraram excelente e que 64 (53%) afirmaram que possuem boa quantidade. Porém, identifica-se que 12 (10%) consideram as atividades enviadas a seu filhos como fracas e outros 4 (3%) entendem que elas foram excessivas.

Figura 6 – Importância e quantidade das atividades enviadas pela escola



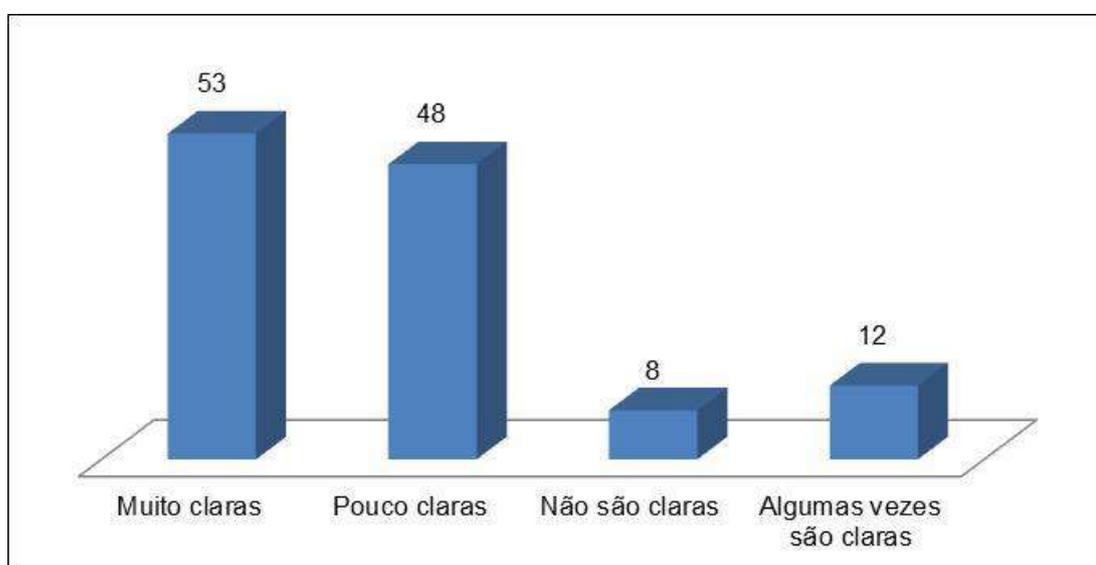
Fonte: Autores, 2021

De acordo com Öçal et al. (2021), é consenso que o suporte dos pais tem um impacto maior nos resultados de aprendizagem dos alunos e que a falta deste apoio é um problema significativo para o sucesso dos filhos no ambiente de aprendizagem e neste período do ensino remoto este suporte torna-se ainda mais essencial.

Por outro lado, os pais tiveram problemas de diferentes ordens, incluindo a aprendizagem online de seus filhos, tendo que equilibrar responsabilidades e motivar os alunos para tanto, antes de tudo, teriam que entender a importância da educação e das atividades, o que neste estudo foi bem significativo. Em relação à quantidade das atividades, observa-se que poucos as consideraram como fracas ou excessivas.

Solicitados a opinar se as atividades postadas/enviadas são apresentadas de forma clara para que o aluno compreenda e possa realizá-la, verifica-se na Figura 7 que 53 (43%) pais consideraram as atividades recebidas pelos seus filhos muito claras, porém 48 (40%) deles afirmaram que são pouco claras, outros 8 (7%) acharam que as atividades não foram claras e que 12 (10%) responderam que somente em algumas vezes as atividades recebidas pelos seus filhos foram claras. Desta forma pode-se afirmar que quase 60% dos pais declararam que seus filhos tiveram algumas dificuldades em interpretar as atividades escolares recebidas..

Figura 7 – Clareza das atividades enviadas pela escola aos alunos



Fonte: Autores, 2021

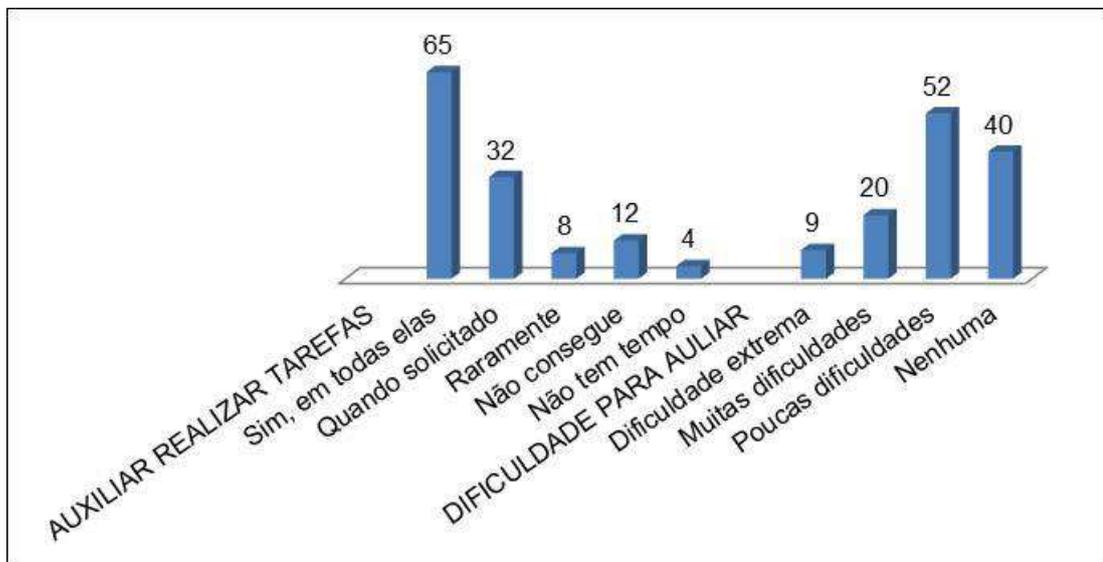
Em relação à clareza das atividades enviadas, o Instituto Península (2020) ressalta que a comunicação com o professor é essencial, cabendo aos responsáveis comunicarem as dificuldades encontradas na resolução dos conteúdos enviados. Além disso, os professores precisam levar em conta as estruturas de conhecimento para fazer escolhas pedagógicas apropriadas, a fim de organizar os conteúdos de maneira que possibilite aos alunos e aos responsáveis compreenderem o que se pede.

Para Badin, Pedersetti e Silva (2020), a tomada de decisões sobre abordagens de ensino não é simplesmente uma questão de preferências pessoais do professor, mas está profundamente ligada ao conhecimento a ser aprendido, às necessidades dos alunos, ao compromisso com os princípios de inclusão, reparação social e justiça, bem como às oportunidades disponíveis dentro do contexto escolar.

Nesse sentido, Valle e Marcom (2020) afirmam que o ensino aqui envolve mais do que a habilidade de interpretar um currículo e inclui atenção às disposições dos alunos e aos aspectos afetivos ou motivacionais da aprendizagem. Baseando-se nas ferramentas conceituais da psicologia sociocultural e da teoria da atividade, esses autores defendem a noção de agência relacional, em que os professores têm a capacidade de se envolver com as disposições dos outros para interpretar e agir sobre o objeto de suas ações de maneiras aprimoradas.

Questionados se auxiliam os seus filhos durante a realização das atividades, verifica-se, na Figura 8 que 65 (54%) dos pais/responsáveis responderam que sim, acompanham seus filhos em todas as atividades escolares, outros 32 (26%) disseram que somente quando seu filho aluno sente necessidade e pede ajuda. Porém verifica-se que 8 (7%) dos pais afirmaram que raramente podem auxiliar seus filhos em suas atividades, outros 12 (10%) pais não conseguem ajudar seus filhos e que 4 (3%) afirmaram não ter tempo para esta atividade. Desta forma, verifica-se que 20% dos alunos do 5º ano do ensino fundamental I raramente recebem algum tipo de ajuda dos pais ou responsáveis ou não recebem nenhum tipo de ajuda/acompanhamento.

Figura 8 – Auxílio dos pais na realização de tarefas e dificuldades encontradas



Fonte: Autores, 2021

Aqui se verifica que a baixa escolaridade de 30% dos pais que não possuíam escolaridade ou possuíam ensino fundamental incompleto (Figura 1) não foi fator

preponderante para os pais não auxiliarem seus filhos, pois apenas 10% afirmaram não conseguir auxiliarem seus filhos nas atividades escolares.

Ao serem Indagados sobre dificuldades para auxiliar os filhos na realização das atividades escolares, verifica-se, ainda na Figura 8, que 9 (7%) sentem dificuldades extremas para apoiarem seus filhos, 20 (17%) encontraram muitas dificuldades porém, 52 (43%) afirmaram ter poucas dificuldades e que 40 (33) dos pais/responsáveis afirmaram não ter nenhuma dificuldade em ajudar seus filhos em suas atividades escolares. Novamente remetendo à Figura 1, pode-se inferir que os pais que encontraram dificuldade extrema e muita dificuldade são aproximadamente a mesma quantidade de pais que declararam não possuir escolaridade ou apenas ensino fundamental incompleto.

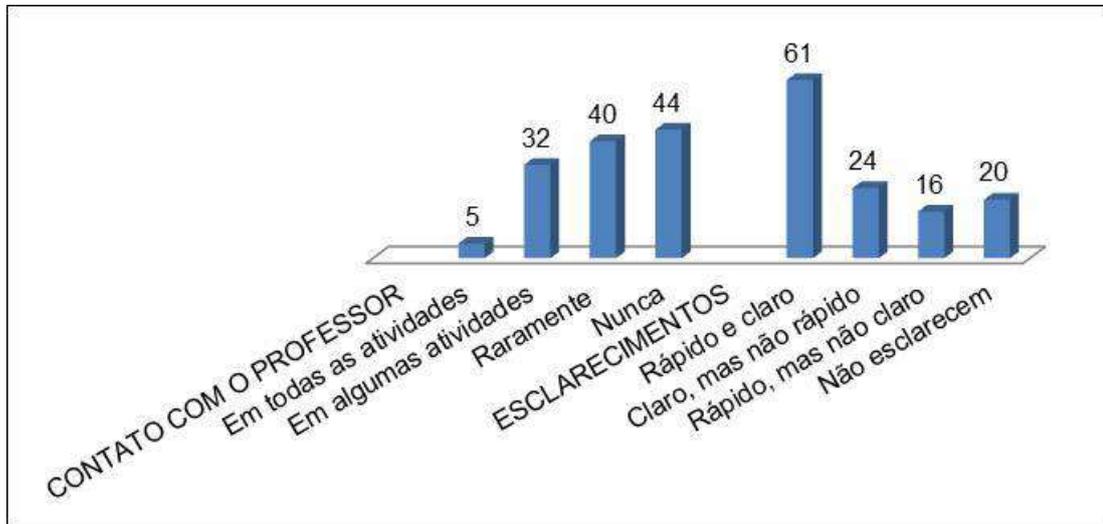
Segundo Wandscheer (2020), enquanto as escolas estão fechadas, os pais são convidados a ensinar e facilitar a aprendizagem em casa, entretanto, muitos podem ter dificuldade em fazer isso, o que pode se tornar uma grande fonte de estresse. Assim, os sistemas educacionais devem ter como objetivo fortalecer o envolvimento entre escolas e pais, a fim de melhorar a informação e orientação sobre práticas eficazes para apoiar a aprendizagem de seus filhos. Ao mesmo tempo, os professores precisam de apoio para incorporar a tecnologia de forma eficaz em suas práticas e métodos de ensino e ajudar os alunos a superar algumas das dificuldades que estão associadas a esta forma de ambiente de aprendizagem.

Ao serem questionados se entram em contato com os professores para tirar dúvidas sobre o conteúdo das atividades escolares de seus filhos, verifica-se, na Figura 9 que 5 (4%) afirmaram que fazem isso em todas as atividades, 32 (26%) afirmaram que entram em contato somente para algumas atividades, 40 (33%) respondeu que raramente fazem contato com os professores e que 44 (36%) nunca entrou em contato com o professor de seu filho. Este elevado número de pais/responsáveis pelos alunos que fazer pouco ou nenhum contato com os professores pode estar relacionado ao fato de que mais de 50% os pais possuem pelo menos o ensino médio completo.

Ainda na Figura 9 podem-se verificar as respostas do pais/responsáveis pelos alunos sobre a opinião deles com relação ao retorno dos professores esclarecendo suas dúvidas. Identifica-se que 61 (50%) pais dos alunos afirmaram que quando entram em contato com os professores, as dúvidas são esclarecidas de forma rápida e clara, outros 24 (20%) consideram que o retorno dos professores ocorre de forma clara, mas não rápido, 16 (13%) entendem que de forma rápida, mas não clara e que 20 (17%) afirmaram que as dúvidas não são

esclarecidas. Desta forma verifica-se que 70% dos pais recebem o retorno dos professores de forma clara, mesmo que demore um pouco.

Figura 9 – Contato dos pais com os docentes e esclarecimento de dúvidas



Fonte: Autores, 2021

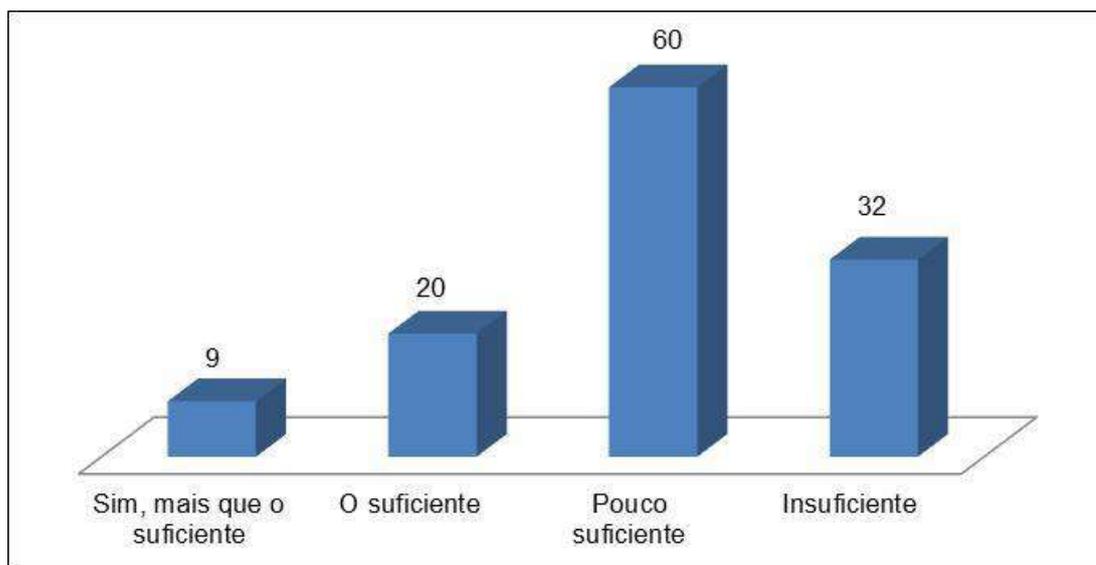
Segundo Öçal et al. (2021), os pais já estão se pressionando muito em relação à educação dos filhos. Assim, em situação de crise, as escolas devem estar especialmente atentas aos pais e responder às suas preocupações. A prioridade é garantir que cada família tenha acesso a recursos para manter e consolidar o aprendizado.

Coube especialmente aos municípios e estados a responsabilidade de mobilizar e consultar os professores, a fim de colocar em prática medidas que, idealmente, garantam a consolidação, ou pelo menos a manutenção, do aprendizado. Isso pode reduzir os efeitos negativos de uma interrupção prolongada quando as aulas forem retomadas. Para isso, Almeida; Cavalcante e Mello (2021) afirmam que os professores devem estabelecer metas claras e realistas e adaptá-las a cada criança. Esta ação é particularmente importante para os alunos mais vulneráveis e seus pais, com os quais é importante comunicar-se regularmente e fazer avaliações frequentes de sua situação.

Solicitados a opinar se consideram que os filhos estão aprendendo o suficiente para serem aprovados, verifica-se, na Figura 12, que 9 (7%) afirmaram que os conteúdos são mais que suficientes para que ele passem de ano, 20 (17%) consideram que estão aprendendo o suficiente para passar de ano, porém, 60 (50%) acham que o aprendizado é pouco suficiente e outros 32 (26%) acham que a aprendizagem é insuficiente. Desta forma, verifica-se que na opinião de 76% dos pais/responsáveis os conteúdos que são enviados para seus filhos não

estão sendo o suficiente para que tenham um bom aprendizado que lhes permitam passar de ano. Porém aqui se verifica um contrassenso, pois na Figura 6 identifica-se que 87% dos pais afirmaram que a quantidade de conteúdos enviados a seus filhos é boa a excelente e aqui afirmam que o aprendizado não está sendo o suficiente.

Figura 10 – Aprendizagem dos alunos durante o ensino remoto



Fonte: Autores, 2021

As desigualdades entre os alunos devem ser identificadas e tratadas, tanto em termos de necessidades básicas, como alimentação e segurança, quanto em termos de necessidades educacionais. Novamente, o envolvimento dos professores é essencial para garantir que as desigualdades sociais sejam reduzidas para que os alunos possam aprender (SOUSA FILHO; CARMO; RIBEIRO, 2020).

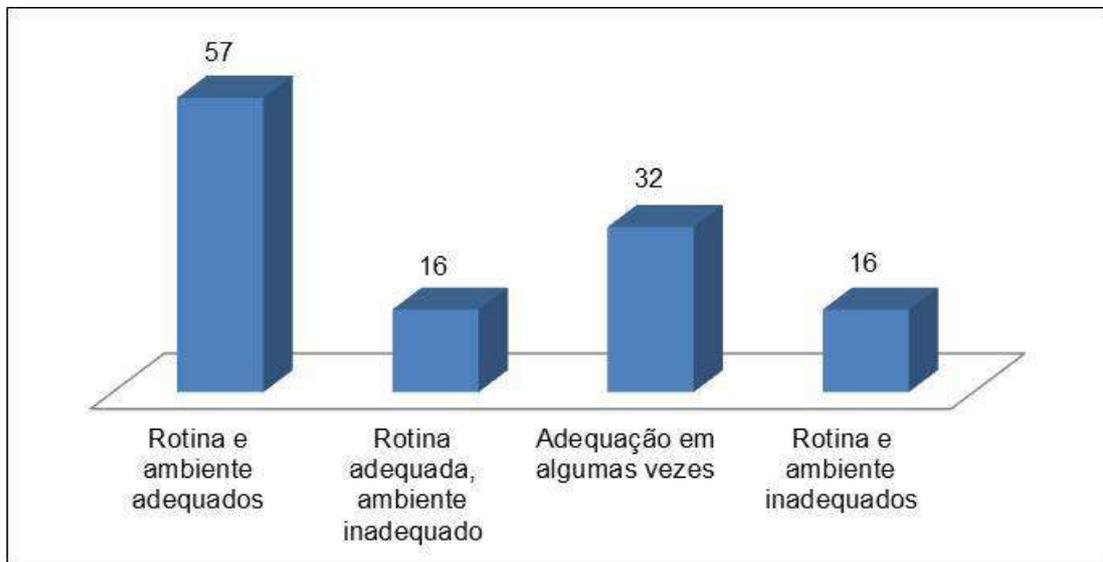
Segundo Antunes (2020), em situações de emergência, quase todos os alunos, e ainda mais aqueles mais vulneráveis, experimentam uma queda no desempenho escolar ou um atraso na aprendizagem quando ficam fora da escola por longos períodos de tempo. Portanto, é fundamental que os professores acompanhem seus alunos e identifiquem as suas necessidades específicas para manter uma aprendizagem adequada.

Ao serem questionados se o filho tem mantido uma rotina de estudos, com horário e ambiente propício à aprendizagem, verifica-se na Figura 11 que 57 (47%) pais responderam afirmativamente, ou seja, que seus filhos mantêm uma rotina de estudos em um ambiente adequado, outros 16 (13%) afirmaram que seus filhos mantêm uma rotina adequada de estudo, mas o ambiente não é adequado, porém, verifica-se que 32 (27%) consideram que essa

adequação ocorre somente algumas vezes e que 16 (13%) afirmaram que nem o horário nem o ambiente são adequados. Assim pode-se afirmar que 53% dos alunos não possuem um ambiente adequado para realizarem seus estudos, o que compromete o aprendizado dos mesmos.

Tal situação é preocupante porque, segundo Antunes (2020), as habilidades e conhecimento dos pais ou outros cuidadores para apoiar e supervisionar a rotina dos seus filhos, durante o ensino remoto, são questões determinantes para um bom resultado do processo educativo.

Figura 11 – Rotina de estudos e ambiente adequado



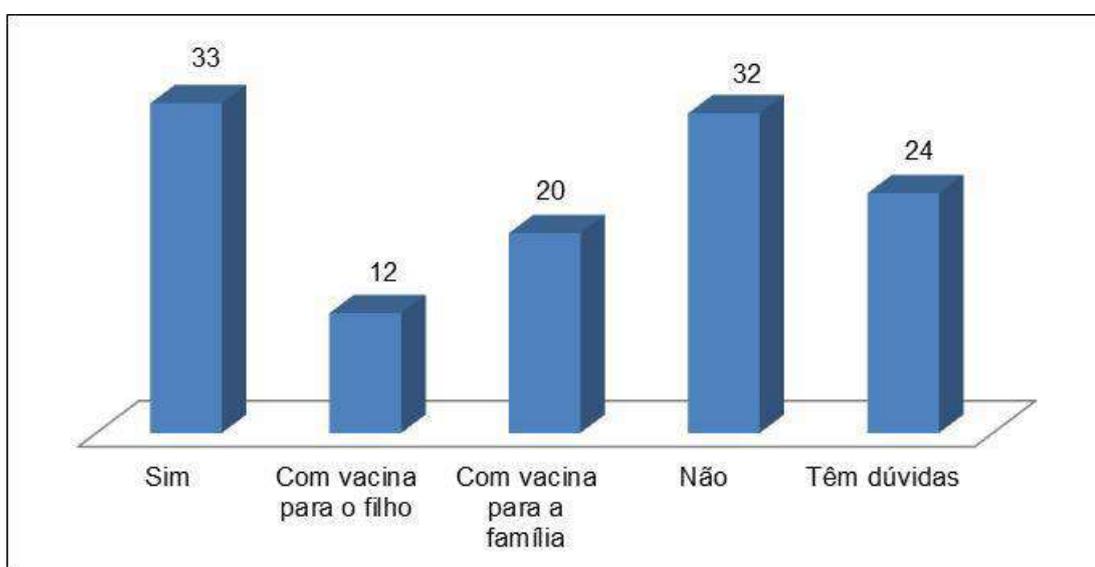
Fonte: Autores, 2021

De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU, 2020), os efeitos psicológicos do distanciamento físico constituem uma preocupação, cabendo aos pais, dentro do possível de cada situação, ajudar as crianças a continuar seus estudos enquanto estão em casa. Para tanto, devem planejar uma rotina, começando com aulas mais curtas e alongando-as passo a passo, protegendo as crianças dos possíveis riscos das plataformas online, destacando a necessidade dos pais manterem contato com a escola de seus filhos.

Aliyyah et al. (2020) constataram que o baixo nível de alfabetização dos pais e o apoio decrescente no ensino remoto afetaram a aprendizagem dos filhos, o condicionamento a uma rotina e a participação nas atividades. Além disso, especificamente os alunos de menor nível socioeconômico enfrentam problemas mais técnicos, como os pais não terem telefones celulares/laptops e sinais de internet ruins.

Indagados se mandariam o filho para a escola, caso as aulas presenciais retornassem naquele momento, verifica-se na Figura 12 que 33 (27%) pais respondeu que sim, 12 (10%) consideram o retorno somente com vacinação para o filho, 20 (17%) entendem que somente com vacina para toda a família, 32 (26%) responderam que não e 24 (20%) disseram ainda ter muitas dúvidas sobre o assunto. Desta forma verifica-se que a volta às aulas ainda é uma incógnita na cabeça dos pais, pois 46% dos pais não mandariam ou ainda têm alguma dúvida quanto ao retorno de seu filho às aulas presenciais.

Figura 12 – Possibilidade de retorno ao ensino presencial



Fonte: Autores, 2021

Há uma situação ainda incerta sobre o retorno às aulas presenciais normais, aliada à dúvida de muitos pais sobre essa volta, o que se considera compreensível diante de uma doença que ainda não foi completamente desvendada, do baixo percentual de brasileiros vacinados e da incerteza sobre quando e se as crianças começarão a ser imunizadas.

Solicitados a relatarem as principais dificuldades encontradas para auxiliar os filhos com as atividades escolares durante o ensino remoto, a dificuldade com o tempo, seja devido aos afazeres domésticos ou ao serviço fora de casa, foram os problemas mais citados. Também foram destacadas as dificuldades para entender a proposta das atividades, com o retorno aos professores para tirar as dúvidas e com atividades que não consideram apropriadas para a criança.

As dificuldades devido à baixa escolaridade para auxiliar o filho foram citadas por oito pais, que se declararam impotentes diante desse problema. Outros problemas citados

foram as dificuldades com disciplinas específicas (matemática, português e ciências), problemas de desmotivação dos filhos para realizar as atividades, para estabelecer uma rotina diária de estudos e dificuldades para acesso frequente à internet.

Um dos feedbacks dos pais foi que *“meu filho já estava com dificuldades nas aulas presenciais. A educação a distância piorou a situação e me deixou com muitos problemas. Ele não quer estudar”*. Outro pai afirmou que *“todo o processo de ensino e aprendizagem fica difícil com a educação a distância. Estar em casa tira o senso de responsabilidade dos alunos; ao passo que ir à escola e assistir às aulas em sala de aula traz consigo responsabilidade, compromisso e responsabilidade”*.

Para uma entrevistada, *“os professores têm problemas para usar o sistema de ensino online e ao tentarem continuar ensinando usando os métodos tradicionais, os alunos perdem o interesse e a atenção”*.

Todos os pais relataram problemas, o que demonstra que tem faltado uma maior comunicação entre a família e a escola para que estas situações sejam contornadas e a aprendizagem dos alunos possa ocorrer.

Entendendo que a voz da família precisa ser ouvida pela escola, os entrevistados foram solicitados a dar sugestões para a melhoria das ações durante as aulas remotas, sendo sugerido que os professores façam atendimento individualizado online, pelo WhatsApp, ou presencialmente. Também houve sugestões para que as aulas sejam retomadas no modo presencial, que as atividades sejam mais simples e fáceis e que sejam enviadas menos atividades para os alunos.

Alguns pais solicitaram aulas de reforço, mas que sejam presenciais. Grande parte deles solicitou que os alunos possam ter acesso à internet. Dentre as sugestões, foram citadas aulas diferenciadas neste período, apostilas com atividades menos complexas, planejamento e organização das apostilas com materiais que não sejam tirados da internet.

Também foram sugeridos cronogramas das atividades escolares, avaliações e metas a serem alcançadas, que os professores façam vídeo aulas explicativas para os alunos acessarem no aplicativo WhatsApp e mais disponibilidade dos professores para atender e responder ao aluno, no período da aula remota ou depois dela.

Portanto, é importante que os formuladores de políticas educacionais entendam quais fatores têm impedido que algumas crianças recebam instrução suficiente e ouçam as famílias, conheçam sua realidade e desenvolvam ações que possam auxiliar os pais neste período.

Constata-se, portanto, que os alunos e seus pais enfrentaram dificuldades para desenvolver a aprendizagem ao longo do período em que o ensino remoto foi oferecido e, ao

mesmo tempo, os professores enfrentaram problemas para fornecer educação, seja na entrega de materiais ou no seu desenvolvimento, mas o maior desafio se refere à falta de preparação dos docentes, além dos problemas de acesso à tecnologia.

CONCLUSÕES

Ao se buscar identificar as principais dificuldades e soluções encontradas pelos pais, constatou-se que grande parte dos alunos possui acesso à internet e muitos estiveram em casa ao longo do ano de 2020, entretanto, apesar de considerarem muito importantes as atividades enviadas, alegaram que estas são pouco claras e por vezes não conseguem orientar os filhos.

O percentual de pais que buscam os professores para o esclarecimento de dúvidas foi pequena e alguns alegaram que, quando o fazem, o retorno é rápido e claro. Mais da metade dos pais considerou o ensino pouco suficiente neste período, entretanto, somente metade dos pais possui rotina e ambiente adequado para os alunos acompanharem as atividades. Vale ressaltar que muitos pais alegaram não ter tempo para acompanhar os filhos em suas atividades escolares. Na concepção dos pais, os alunos precisam de aulas individuais, como forma de reforçar os conteúdos ofertados, bem como melhor preparação dos docentes para atuarem no ensino remoto.

Conclui-se que os pais entendem que o ensino remoto oferecido esteve aquém do ideal, sendo necessárias melhorias para que este seja considerado eficaz. Para tanto, esforços são necessários para aprimorar a oferta dos conteúdos e fornecer treinamento para os professores utilizarem os aplicativos e plataformas disponíveis.

REFERÊNCIAS

ALIYYAH, R. R. et al. The Perceptions of Primary School Teachers of Online Learning during the COVID-19 Pandemic Period: A Case Study in Indonesia. *Journal of Ethnic and Cultural Studies*, v. 7, n. 2, p. 90-109, 2020.

ALMEIDA, L. M. L.; CAVALCANTE, L. A.; MELLO, A. R. G. R. O que dizem as famílias? Breve reflexão sobre ensino remoto em tempos de pandemia. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 2, p.19646-19658, 2021.

ALVES, L. Educação remota: entre a ilusão e a realidade. *Interfaces Científicas Educação*, v. 8, n. 3, p. 348-365, 2020.

ANTUNES, R. Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado. São Paulo: Boitempo, 2020.

AZUBUIKE, O. B.; AINA, B. How parents are supporting their children's learning during the Covid-19 pandemic in Nigeria. 2020. Disponível em: <https://www.ukfiet.org/2020/how->

parents-are-supporting-their-childrens-learning-during-the-covid-19-pandemic-in-nigeria/. Acesso em: 2 fev. 2021.

BADIN, A. M. A.; PEDERSETTI, S.; SILVA, M. B. Educação básica em tempos de pandemia: tentativas para minimizar o impacto do distanciamento e manter o vínculo entre os alunos, as famílias e a escola. In: PALÚ, J.; SCHUTZ, J. A.; MAYER, L. (Orgs.). Desafios da educação em tempos de pandemia. Cruz Alta: Ilustração, 2020.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERNARDO, A. Da pandemia nasce uma nova relação entre escola e família. Nova Escola. 2020. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/19474/da-pandemia-nasce-uma-nova-relacao-entre-escola-e-familia>. Acesso em: 8 dez. 2020.

BHATNAGAR, A.; ROY, K. The Parent Trap: The Troubles of Teaching Children at Home During a Pandemic. The Bastion Development in Depth, 2020; Disponível em: <https://thebastion.co.in/covid-19/the-parent-trap-the-troubles-of-teaching-children-at-home-during-a-pandemic/>. Acesso em: 2 fev. 2021.

CALVANO, C. et al. Families in the COVID-19 pandemic: parental stress, parent mental health and the occurrence of adverse childhood experiences—results of a representative survey in Germany. *European Child & Adolescent Psychiatry*, v. 1, n. 1, p. 1-13, 2021.

CETIC - CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO. TIC Domicílios. 2020 Disponível em: <https://data.cetic.br/cetic/dados>. Acesso em: 1 fev. 2021.

CHRAIM, A. M. Família e escola: A arte de aprender para ensinar. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

CNE – CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Parecer CNE/CP nº 5/2020, de 28 de abril de 2020. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Brasília: CNE, 2020.

COSTA NETO, A. G. A comunidade escolar e a pandemia. *Revista Gestão Universitária*, v. 13, n. 1, 2020.

DANIEL, S. J. Education and the COVID-19 pandemic. *Prospects*, v. 49, n. 1, p. 91-96, 2020.

GRUBER, A. Covid-19: o que se sabe sobre a origem da doença. *Jornal da USP*, 14/04/2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/covid2-o-que-se-sabe-sobre-a-origem-da-doenca/>. Acesso em: 04 de ago de 2020.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades. Disponível em <http://www.ibge.com.br>. Acesso em: 25 jan. 2021.

INEP - INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA – INEP. Censo Escolar 2019. Brasília: INEP, 2019.

INEP - INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Censo Escolar. Brasília, DF. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/resultados-e-resumos>. Acesso em: 3 de set. 2020.

INSTITUTO PENÍNSULA. Sentimento e percepção dos professores brasileiros nos diferentes estágios do Coronavírus no Brasil. São Paulo: Instituto Península, 2020.

- LIMA, F. S. Quando as coisas acontecem antes de acontecer: educação em um cenário complicado. In: PALÚ, J.; SCHUTZ, J. A.; MAYER, L. (Orgs.). Desafios da educação em tempos de pandemia. Cruz Alta: Ilustração, 2020.
- MINI, G. Sobre não deixar nenhuma família para trás. In: COSTIN, C. et al. A escola na pandemia: 9 visões sobre a crise do ensino durante o coronavirus. Porto Alegre: Editora do Autor, 2020.
- MUNARIM, I. As tecnologias digitais nas escolas do campo: contextos, desafios e possibilidades. 2014. 184f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.
- ÖÇAL, T. et al. Distance education in COVID-19 pandemic: An evaluation of parent's, child's and teacher's competences. *Educ Inf Technol*, v. 1, n. 1, p. 1-21, 2021.
- ONU - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Resumo de política: Covid-19 e a necessidade de ação em saúde mental. 2020. Disponível em: https://www.un.org/sites/un2.un.org/files/un_policy_brief-covid_and_mental_health_final.pdf. Acesso em: 2 dez. 2020.
- PARO, V. H. Qualidade do Ensino: A contribuição dos pais. São Paulo: Xamã, 2018.
- RIBEIRO, P. C. Contribuições para o retorno às atividades escolares presenciais no contexto da pandemia da Covid-19. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020.
- ROBINSON, M.; RUSZNYAK, L. Learning to teach without school based experience: Conundrums and possibilities in a South African context. *Journal of Education for Teaching*, v. 46, n. 4, p. 517-527, 2020.
- SÁ, T. H. et al. Diferenças socioeconômicas e regionais na prática do deslocamento ativo no Brasil. *Rev Saúde Pública*, v. 50, n. 1, p. 1-9, 2016.
- SANTOS, B. S. A Cruel Pedagogia do Vírus. Coimbra: Almedina, 2020.
- SANZ, I.; GONZÁLEZ, J. S.; CAPILLA, A. Efeitos da crise da Covid-19 na educação. Madrid: OEA, 2020.
- SCHLEICHER, A. Como os professores e os sistemas escolares podem responder à pandemia COVID-19? Algumas lições do TALIS. Disponível em: <https://oecdutoday.com/how-teachers-school-systems-respond-coronavirus-talis/>. Acesso em: 21 jun. 2021.
- SILVA, J. A. D.; WEINMAN, C. Os desafios de uma gestão democrática em tempos de pandemia na escola pública. In: PALÚ, J.; SCHUTZ, J. A.; MAYER, L. (Orgs.). Desafios da educação em tempos de pandemia. Cruz Alta: Ilustração, 2020.
- SILVA, R. R. Educação do campo e o uso das tecnologias digitais: um olhar sobre a estrutura e o funcionamento na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental João Bernardo Semeão. 2017. 42f. Monografia (Especialização em Educação do Campo) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.
- SILVA, S. B. F.; MULLER, J. L. A participação dos pais no contexto educacional escolar. *Rev Eventos Pedagógicos*, v. 2, n. 2, p. 220-229, 2011.
- SILVA, T. C.; SILVA, E. R.; MONTANARI, R. Dificuldades do ensino remoto em escolas rurais do norte de Minas Gerais durante a pandemia do Covid-19. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 8, p. 1-14, 2020
- SOUSA FILHO, F. G.; CARMO, M.; RIBEIRO, L. T. F. Pandemia de Covid-19 e as atividades educativas emergenciais: a experiência do curso de Pedagogia da Faculdade de

Educação da Universidade Federal do Ceará. Revista Eletrônica Arma da Crítica, n. 14, p. 110-131, 2020.

SUÁREZ, P.; VÉLEZ, M. El papel de la familia en el desarrollo social del niño: una mirada desde la afectividad, la comunicación familiar y estilos de educación parental. Revista Psicoespacios, v. 12, n. 20, p. 173-198, 2018.

VALLE, P. D.; MARCOM, J. L. R. Desafios da prática pedagógica e as competências para ensinar em tempos de pandemia. In: PALÚ, J.; SCHÜTZ, J. A.; MAYER, L. (Orgs.). Desafios da educação em tempos de pandemia. Cruz Alta: Ilustração, 2020.

VARANI, A.; SILVA, D. C. A relação família-escola: implicações no desempenho escolar dos alunos dos anos iniciais do ensino Fundamental. Rev Bras Estud Pedag, v. 91, n. 229, p. 511-527, 2010.

WANDSCHEER, K. T. Ensino Remoto: um caminhar de possibilidades educativas. In.: PALÚ, J.; SHÜTZ, A. J.; MAYER, L. (Orgs.). Desafios da educação em tempos de pandemia. Cruz Alta: Ilustração, 2020.